
O COMBATE EM NOME DA FÉ NOS RELATOS HAGIOGRÁFICOS THE COMBAT IN FAITH'S NAME IN THE HAGIOGRAPHIC REPORTS

Renata Cristina de Sousa Nascimento¹

RESUMO: Uma das características dos textos hagiográficos é sua capacidade de dialogar com a realidade, oferecendo aos fiéis modelos de vida, de conduta moral e espiritual desejada pelos promotores destas narrativas. As conquistas em África no século XV inauguram um novo palco de ação para os países ibéricos, já acostumados há séculos com a presença muçulmana na Península. A construção discursiva do *Martyrium et gesta infantis domini Fernandi*, tem por objetivo conseguir junto ao papado a canonização do primeiro santo dinástico. Mesmo com o malogro deste intuito o relato hagiográfico é uma fonte riquíssima para compreender a postura expansionista do Reino português, vista também como uma missão em defesa do cristianismo.

PALAVRAS- CHAVE- Hagiografia; Guerra Santa; Martírio; Reconquista.

ABSTRACT: One of the characteristics of the hagiographic texts is its capacity to dialogue with reality, offering life archetypes of moral and spiritual behavior to the believers. This reaction was aimed by the promoters of these narratives. The conquests that took place in Africa in the 15th century brought a new action place to the Iberian countries. For centuries, these European peoples were used to the Muslim presence on its territory. The discursive construction of the *Martyrium et gesta infantis domini Fernandi*, has the goal to achieve the canonization of the first dynastic saint from the papacy. The unsuccessfulness of that objective does not debilitate the hagiographic report as an important source that helps to understand the expansionist posture of the Portuguese kingdom. This action is also seen as a defense mission of Christianity.

KEY WORDS: Hagiography; Holy War; Martyrdom; Reconquest.

(recebido em 24/01/2013, aprovado em 18/05/2013)

Introdução

Os desafios interpretativos que permeiam o estudo da hagiografia reconhecem que estas devem ser entendidas como fonte de ensinamentos, de edificação e modelo a ser venerado e imitado pelos cristãos. Neste texto temos por objetivo relacionar a guerra contra os infiéis, especialmente no Norte da África, e a produção narrativa presente nos relatos de santidade produzidos no período. Para tanto elegemos o texto do *Martyrium et gesta infantis domini Fernandi*, uma biografia latina composta provavelmente entre 1451 e 1470/71 por autor ainda incerto. Para tanto dividimos nossa exposição em três partes. 1º- A natureza dos textos hagiográficos, 2º- A Reconquista como modelo e o projeto de

¹ Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) Participante do NEMED (Núcleo de Estudos Mediterrânicos- UFPR) Professora da Universidade Federal de Goiás, da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (Mestrado em História). Email- renatacristinanasc@gmail.com

expansão do cristianismo e 3º- O morrer lutando contra o infiel na construção narrativa do *Martyrium et gesta infantis domini Fernandi*.

A natureza dos textos hagiográficos

A vida dos santos, representada nos textos hagiográficos, serve como modelo de conduta cristã, de sofrimento em nome da fé, de aversão ao mal e ao mundo. Tem sempre um caráter didático, mas pode possuir também finalidades variadas. “A hagiografia é, pois, indissociável do contexto religioso, político e sócio-cultural do santo biografado: do seu local de culto, da sua terra natal...das intenções ou do interesse dos promotores da sua causa, do autor da hagiografia ou de quem a encomendou”.² A morte e o sofrimento do biografado são assumidos como um testemunho de fé. Segundo André Miatelo³ os principais beneficiadores da popularidade das produções hagiográficas foram os homens da Igreja, cujos esforços cristianizadores procuraram forjar um discurso específico.

A hagiografia tem suas origens nos elogios fúnebres, sofrendo também forte influência das tradições clássicas (panegíricos, biografias e do modelo retórico antigo), mas deve ser vista também como imitação de Cristo, de como o homem pode aproximar-se do modelo ideal, ou seja, viver e sofrer como Jesus. Os santos são vistos como seres excepcionais que conseguem atingir as virtudes cristãs de forma heroica. Na História Eclesiástica de Eusébio de Cesaréia (263- 340 d.C)⁴, nota-se a grande importância dada aos primeiros mártires da Igreja, que, perseguidos, por causa do Evangelho deram suas vidas, sendo estes homens chamados inicialmente de mártires piedosos ou santos mártires.

Eles eram também tão zelosos em sua imitação de Cristo, o qual, ainda que em forma de Deus, não considerou usurpação ser igual a Deus, que ainda que avaliados da mesma maneira e não uma vez ou duas, mas com frequência enfrentassem o martírio, e levados de novo das feras para a prisão e trouxessem espalhados sobre si marcas e cicatrizes e feridas, não se proclamavam mártires, pois não fomos nós que aplicamos este nome a eles. Antes, se algum de nós, por escrito ou por conversa, os chamasse mártires, reprovavam-nos seriamente. Pois de bom grado concediam o título de mártir à Cristo, o verdadeiro e fiel mártir (testemunha), o primogênito dentre os mortos, o príncipe da vida...São mártires

² REBELO, António Manuel Ribeiro. *A estratégia política através da hagiografia*. In JIMENEZ et FIALHO, Maria do Céu. *O Retrato e a Biografia como Estratégia de Teorização Política*. Coimbra/Málaga, Uc: 2004. p 131-158, p. p 132.

³ MIATELO, André Luís Pereira. *A Historiografia Franciscana na Frente aos Desafios da “Medievalística” e da Interpretação Hagiográfica: Novas Possibilidades de Trabalho?* In ALMEIDA, Néri de Barros (org). *A Idade Média entre os Séculos XIX e XX Estudos de Historiografia*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008, p.189.

⁴ Pouca coisa se sabe acerca de Eusébio de Cesaréia. Em geral a historiografia acredita que fosse originário da Palestina, provavelmente teria sido bispo em Cesaréia, daí seu epíteto.

agora aqueles a quem Cristo considerou dignos de serem recebidos em sua confissão, selando-lhe o martírio (testemunho) com a partida.⁵

A equivalência entre testemunho e martírio é constante na História Eclesiástica, sendo os mártires os primeiros santos da Igreja. O culto cristão aos santos iniciou-se ainda na Igreja Antiga, “porém foi na Idade Média que se difundiram e se consolidaram os centros de veneração e desenvolveram-se os textos hagiográficos, que são os principais documentos para o estudo da santidade no período”.⁶ Uma das principais coletâneas hagiográficas produzidas na Idade Média foi a *Legenda Áurea* (Vida de Santos) do dominicano Jacopo de Varazze (século XIII). Em geral os *exemplum* narrados na *Legenda* evitam historicizar os personagens, marcando a atemporalidade dos relatos. No total entre 1470 e 1500, “da *Legenda Áurea* vieram à luz pelo menos 156 edições, 87 latinas, 25 em alemão, dezessete em francês, dez em italiano, dez em holandês, quatro em inglês, três em boêmio”.⁷ Tinha o intuito de produzir e divulgar um discurso modelar, necessário para a edificação do crente.

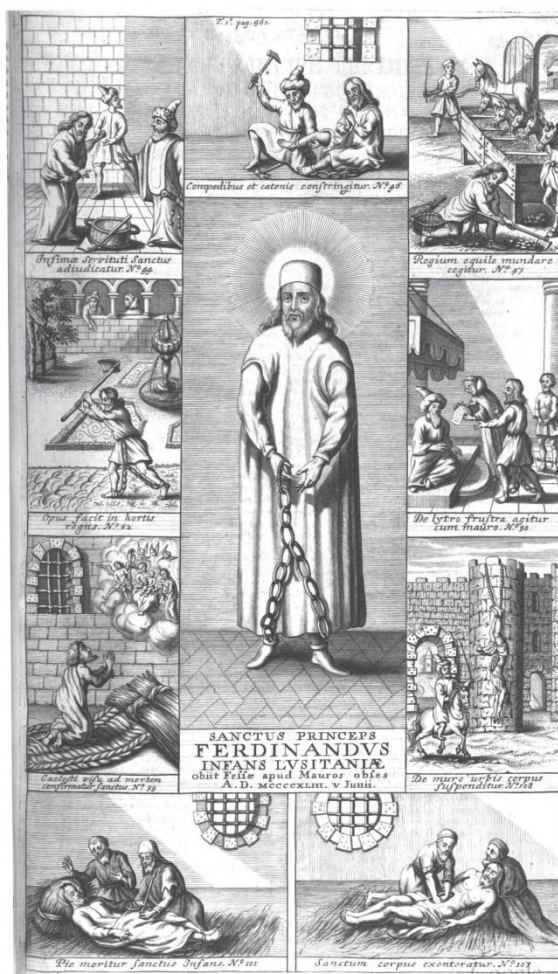
Os bollandistas⁸, no século XVII foram os primeiros grandes organizadores dos documentos hagiográficos, buscando reaver seu valor histórico. Em 1690 os editores bollandistas dos *Acta Sanctorum* incluíram uma pormenorizada narração da vida heróica do Infante Santo, baseada quase que exclusivamente no *Trautado da Vida e Feitos do Muito Virtuoso Sor Iffante D. Fernando*, mais conhecida como Crônica do Infante Santo, composta entre 1451 e 1460 por Frei João Álvares.

⁵ CESARÉIA, Eusébio de. História Eclesiástica- Os primeiros séculos da Igreja Cristã. Rio de Janeiro: Casa publicadora das Ass. De Deus, 1999, p. 168.

⁶ SILVA, Andréia Cristina L. Frazão (org). *Hagiografia e História: reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da santidade na Idade Média Central*. RJ: Comunicação Editora, 2008, p. 7.

⁷ FRANCO, Hilário JR. Introdução. In VARAZZE, J. de *Legenda Áurea- Vidas de Santos*. SP: Companhia das Letras, 2003, p. 22.

⁸ Grupo de pesquisadores liderados pelo belga Johan von Bolland (1596 – 1665), teólogo, padre jesuíta e historiador.. Iniciou a organização dos *Acta Sanctorum* (Atos dos Santos).



Representações do Infante Santo- *Acta Sanctorum Junii* - Tomo I (1695)

Podemos também destacar o *Agiológico Lusitano*, considerado uma obra hagiográfica de grande importância no Portugal seiscentista, pois reúne relatos sobre santos, beatos, mártires, tradições e festas do cristianismo. Esta obra de Jorge Cardoso (completada por D. António Caetano de Sousa), foi originalmente publicada entre 1652 a 1744. Tinha o intuito de exaltar as virtudes dos portugueses, já que os espanhóis possuíam até este período, mais santos canonizados.

Curiosamente Jorge Cardoso reunira só os santos canonizados ou de culto imemorial. Mesmo assim, a obra inclui 62 santos em número, sem fazer menção de outros muitos... que em vida forão conhecidos e venerados por insignes em sanctidade os quaes antes, e depois da morte honrou Deos com milagres em tanto que se Portugal não houvera faltado á devoção, solicitude e diligencia que pera os qualificar com o testemunho da Igreja, se requiere, puderão estar já canonizados como são os santos **Infante D. Fernando**⁹ [...], Donna Joana [...], Beato frei Bernardo... Deste modo esta obra revela já, ainda que com alguma discrição a insatisfação pela pouca diligência de Portugal na canonização- e consequentemente

⁹ Grifo nosso.

culto público e oficial- de muitos outros santos portugueses- nomeadamente dos séculos XV e XVI.¹⁰

Daí pode-se auferir, como já dissemos, a importância política da hagiografia. De acordo com Rebelo¹¹ dos séculos XIV e XV em diante as hagiografias já são redigidas essencialmente com o propósito de fornecerem material adequado para os processos de beatificação e de canonização. Neste aspecto adéqua-se o *Martyrium et gesta*.

A Reconquista como modelo e o projeto de expansão do cristianismo

A Reconquista Cristã é entendida como a recuperação do território peninsular após a invasão muçulmana no século VIII, até a definitiva conquista de Granada no XV.¹² Os primórdios da expansão portuguesa ainda refletem o espírito cruzadístico do período da Reconquista, pelo menos até 1460, ano da morte do Infante D. Henrique. O ideal cruzado tornou-se ainda mais forte através da ação das Ordens Militares. Trata-se de um refinamento do modelo guerreiro anterior. A cavalaria cristã teve nas Ordens Militares uma vertente sacralizada, espiritual. Na Península Ibérica a tradição de Cruzada vivida na Reconquista acostumou os cristãos à convivência, pacífica ou não com o outro. A ideia de levar o cristianismo a outros povos, ditos infiéis, não pode ser desprezada no mundo medieval, onde qualquer questão perpassa, em primeiro lugar, o campo religioso. É preciso também distinguir várias fases neste longo processo expansionista. As Crônicas nos dão testemunho do tipo de memória que desejava-se perpetuar; as façanhas dos nobres, os feitos da cavalaria a permanência dos conceitos de honra, fama e cristianização dos infiéis como razão primeira do projeto expansionista. Em um documento atribuído a D. Henrique¹³ podemos perceber o imaginário da conquista em África;

¹⁰ FERNANDES, Maria de Lurdes Correia. História, Santidade e Identidade. O Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso e o seu Contexto. In *Vita Spiritus*, 3. Lisboa: 1996. p 25- 68. In WWW. ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3504.pdf , p. 26-27.

¹¹ REBELO, op. cit, p. 158.

¹² “A monarquia portuguesa surgiu e legitimou-se como uma monarquia guerreira. O seu rei fundador encontrou no apoio dos barões portugalenses para a independência face á Galiza e a Leão, primeiro, e na sua própria capacidade militar autónoma a partir da década de 1130, depois de se fixar em Coimbra, os fatores para ter sido reconhecido como monarca e, sobretudo, para se ter conseguido manter nessa condição. Foi como chefe militar que ganhou o seu prestígio entre os que o seguiram e apoiaram, foi pela sua capacidade para combater os mouros e tomar-lhes território que alcançou reconhecimento internacional, nomeadamente por parte do papado.” RAMOS, Vasconcelos e Monteiro. *História de Portugal*. Lisboa: Esfera dos livros, 2009, p. 38.

¹³ No *Esmeraldo de Situ Orbis* (1506) Duarte Pacheco Pereira diz que "o próprio Deus teria aparecido em sonho a D. Henrique para lhe revelar quantas almas gemiam na África nas trevas da idolatria." No século XIX com a publicação

[...] os quais por graça de Deus, passando o dito Cabo Não avante e fazendo grandes guerras, alguns recebendo morte e outros postos em grandes perigos, prouve o nosso Senhor me dar certa informação e sabedoria daquelas partes desde o dito Cabo de Não até passante toda a terra de Berberia e Nubia e assim mesmo per terra de Guinea bem trezentas léguas, de onde até agora, assim no começo por guerra com o depois por maneira de trauto de mercadoria e resgates, é vindo à Cristandade mui gram número de infiéis cativos, do qual, devido grandes louvores a nosso Senhor, a mor parte são tornados à sua santa fé. E está bem aparelhado para muitos mais virem e serem feitos cristãos, além das mercadorias, ouro e outras muitas coisas que de lá vêm e se cada dia descobrem muito proveitosas a estes reinos e a toda a Cristandade[...]¹⁴

Percebemos, pelo discurso expresso no documento, a permanência do ideal de cristianização dos infiéis como razão primeira do movimento expansionista, mas também notamos claramente a consciência que o próprio D. Henrique tinha dos benefícios econômicos de tal empreendimento. Além disso, ele mesmo se auto-intitula escolhido para fomentar tamanha conquista. A legitimidade da guerra perpassa a necessidade de lutar contra o islamismo e a aspiração de evangelizar o muçulmano. A perspectiva de que as terras de África eram originalmente cristãs e deveriam ser retomadas é a mesma vivida na Reconquista Ibérica.

Portugal estava de fato, entalado entre o poderoso vizinho e o mar, confinado num espaço periférico, um *finisterra* não apenas em termos do Ocidente europeu, mas até da própria Península. Daí resultava o que chamamos o impasse ibérico do reino. À época, a única via possível para buscar um caminho era o mar ¹⁵

O início da expansão portuguesa também é reflexo da conjuntura do reino, recém-saído de um complicado processo de substituição dinástica em que a nova Casa Real ainda necessitava legitimar-se tanto junto à Sé Católica quanto em relação a toda a cristandade. Nada mais importante do que dar continuidade ao combate em nome da fé. O imaginário da guerra santa é revivido no palco africano. Entre estes momentos iniciais destacam-se a conquista de Ceuta (1415) e o desastre de Tânger (1438). É neste contexto que se inserem as hagiografias sobre o Infante Santo. A prisão de D. Fernando e sua morte em Marrocos, transformada em martírio, legitima a política expansionista dentro de um viés de sacralidade.

da Crônica dos Feitos de Guiné (este manuscrito havia sido encontrado na biblioteca de Paris) o mundo começa a conhecer mais profundamente o mito henriquino. Com o fortalecimento da geografia "a imagem do Infante cruzado e aventureiro começava a ter um novo traço, o de sábio cosmógrafo e cientista. Aí é criado o mito da Escola de Sagres.

¹⁴ MARQUES, João da Silva (org) Descobrimento Portugueses, Lisboa: INIC (Vol I e Suplemento), 1988, p. 544.

¹⁵ RAMOS, op. Cit. p. 172

O morrer lutando contra o infiel na construção narrativa do Martyrium et gesta infantis domini Fernandi.

Um dos temas investigativos mais atuais em relação à pesquisa sobre o culto ao Infante Santo refere-se à construção e apropriação da Dinastia de Avis da memória de santidade de D. Fernando. Em artigo sobre as discussões historiográficas em torno do Infante Santo, Amaral nos aponta que:

As mais recentes pesquisas sobre o Infante Santo têm em comum o fato de fazer uma revisão bibliográfica e tomar o texto de Frei João Álvares como foco de reflexões. Há ainda a associação entre a casa de Avis e esse santo. Assim, nasceu uma perspectiva crítica cuja argumentação visava a demonstrar os mecanismos de produção dessa santidade e como ela foi capitalizada por Avis.¹⁶

Para tanto, podemos citar a dissertação de João Luís Inglês Fontes¹⁷ como o texto mais completo sobre o percurso biográfico de D. Fernando associado à narrativa de Álvares, principal responsável pela construção da memória do “mártir de Fez”. Nesse sentido, este autor apresenta como a representação de santidade e D. Fernando foi construída com base em dois critérios: 1º- Associaram-se os episódios de sua vida à trajetória de um mártir e 2º- A imagem de seu martírio foi vinculada ao projeto expansionista. Os parâmetros para a compreensão da difusão do culto ao Infante Santo estão intimamente relacionados à expansão de D. Afonso V em África.

Lurdes Rosa¹⁸ enumera as ações empreendidas pela Dinastia de Avis no sentido de promover a canonização de seu santo: as diversas cerimônias oficiais quando da chegada das primeiras relíquias (1451), os festejos promovidos para comemorar a chegada das ossadas (1472), após a conquista de Arzila, a instituição de sufrágios perpétuos nas capelas da Batalha e na prestigiada igreja de Santo Antônio, em Lisboa, a apresentação pela duquesa de Borgonha do martírio de seu irmão junto às instâncias internacionais nomeadamente de Roma, o investimento em representações iconográficas

¹⁶ AMARAL. Clínio de Oliveira. O culto ao Infante Santo e o projeto político de Avis (1438-1481). Niterói: Tese de doutorado (UFF). 2008, p 26

¹⁷ FONTES, João Luís Inglês. Percursos e Memória: Do Infante D. Fernando ao Infante Santo. Cascais: Patrimonia, 2000.

¹⁸ ROSA. Maria de Lourdes. Do santo conde ao mourisco mártir: usos da santidade no contexto da guerra norte-africana (1415-1521). In Deutsches Historisches Museum, Novos Mundos- Portugal à época dos descobrimentos. Ciclo de conferências- Berlim: 2006. Disponível em <<http://www.dhm.de/ausstellungen/neuewelten/pt/essays.html>>

_____. Longas guerras, longos sonhos africanos. Da tomada de Ceuta ao fim do Império, Porto, Fio da Palavra, 2010, p. 6.

nos principais panteões régios (Batalha e Belém). Na perspectiva de construção de um santo dinástico, percebe-se nitidamente a manipulação discursiva que visava remodelar o fracasso da empreitada em Tânger, transformando-a em glória através de seu viés de sacralidade. Para Rebelo¹⁹ o reconhecimento oficial de santidade de um dos membros da realeza ou da aristocracia era sinal da confirmação divina do êxito político da linhagem.

A elaboração do *Martyrium et gesta infantis domini Fernandi*, serve nitidamente ao propósito de promover a canonização do Infante Santo. Nesta hagiografia temos por pano de fundo a vida, prisão e morte de D. Fernando e seus companheiros após terem sido feito cativos junto aos muçulmanos. Seguindo a tradição hagiográfica preexistente ao relato do *Martyrium et gesta*, D. Fernando é portador das virtudes teologais, estas são sobrenaturais e têm origem no próprio Deus²⁰. O fundamento das virtudes teologais, fé, esperança e caridade, encontra-se no texto de 1Cor 13,13: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, mas o maior destes é o amor”, demonstrado através das práticas caritativas. Além da narrativa inicial sobre as virtudes morais e espirituais do Infante Santo, o texto hagiográfico relata a motivação inicial da armada de Tânger;

No decurso deste período, o mencionado Rei D. Duarte, animado pelo ardor da fé e decidindo-se a conquistar a África, a fim de a poder ganhar para Cristo, convocou todos os Senhores e Nobres dos seus Reinos para uma reunião das Cortes e assim ficou estabelecido: Ô sereníssimo Príncipe, sobre esta tão vasta e tão árdua empresa há de refletir com a maior atenção, antes de mais, que é necessário requerer a autorização pontifícia do nosso Santo Padre com indulgência plenária, para que os cruzados, se sintam com audaz determinação, mais fortemente animados contra as forças dos infiéis, a fim de esmagarem a sua ousadia.²¹

Como nosso principal objetivo é analisar este texto hagiográfico sob a perspectiva da guerra contra os “infiéis” nota-se que a própria convocação para o ataque à Tânger tem por “pano de fundo” a ideia de guerra santa, portanto a permanência das mesmas razões gerais da Reconquista. De acordo com o tradutor e editor da fonte a obra pode ser dividida em oito partes²²:

1ª- Prólogo- Apresenta o Infante Santo como um enviado de Deus para a conversão dos homens, tanto

¹⁹ REBELO, op. cit, p 145.

²⁰ “Ele foi igualmente um verdadeiro servidor de Deus abstendo-se de toda a má ação e de bom grado estendia a mão aos pobres. Consolador dos órfãos, defensor das viúvas, libertador dos oprimidos, conforto das crianças, para todos era um pai, para todos um protetor. Era tão irrepreensível que por todos era amado, ele a quem Deus cumulava de tamanha graça.” *Martyrium et gesta infantis domini Fernandi*, op cit, p. 54.

²¹ *Martyrium et gesta infantis domini Fernandi*, op cit, p. 77- 78.

²² REBELO, op. Cit. p. 1-2.

européus, como africanos.

2ª- Apresenta uma descrição de suas virtudes. “Era solícito com a salvação de seus súditos e preocupava-se com a salvação dos infiéis.”

3ª- Aborda o projeto e a organização para a expedição a Tânger.

4ª- Descreve a cidade e a força bélica do exército muçulmano.

5ª- Narra as negociações após a derrota. É neste contexto que D. Fernando se oferece como cativo dos mouros.

6ª- É dedicada ao período do cativo em África

7ª- Descreve os últimos meses e a morte do Infante.

8ª- Dedicar-se à narrativa de seus milagres.

Já no prólogo temos a ideia de combate em nome da fé, “Principia o martírio e bem assim os feitos do magnífico e poderoso Infante D. Fernando, filho do magnífico e poderosíssimo Rei de Portugal, martírio que padeceu em Fez pelo zelo e ardor da fé e por amor a Cristo”.²³ Exalta também o propósito evangelizador, “D. Fernando, qual estrela brilhante para os que se encontravam nas trevas e na penumbra da morte, a fim de que eles fossem elevados ao conhecimento da sua verdadeira fé e apreciassem também a doutrina de Cristo e não a de Maomé”.²⁴ No discurso presente no texto, e atribuído a D. Duarte sempre se faz presente o intuito da guerra santa;

Nobres soldados e amados irmãos, a fim de, no comando das operações de guerra e sobretudo contra a raiva sanguinária dos infiéis, merecemos ser considerados verdadeiros vencedores, sabemos já por experiência que vencemos respeitando as seguintes condições: devemos defender a Fé de Deus Onipotente...Sendo assim, exorto e peço a Vossas Excelências, meus nobres irmãos, que estais prestes a pelejar pela Fé Cristã [...].²⁵

Conforme a tradição hagiográfica medieval, os locais ocupados pelos muçulmanos, tanto em África quanto na Península Ibérica são considerados “espaços de redenção”. Este aspecto também é relevante nas motivações para a participação da nobreza nos combates em terras africanas. A construção do “Mártir de Fez” contribui para a resignificação da Guerra Santa, ligada à Coroa, promotora da “conquista da África”.

²³ *Martyrium et gesta infantis domini Fernandi*, op. cit, 2007, p. 77- 78.

²⁴ *Martyrium et gesta infantis domini Fernandi*, op. cit p. 51- 52.

²⁵ *Martyrium et gesta infantis domini Fernandi*, op. cit, p. 83.

Conclusão

A devoção ao Infante, morto em cativeiro em 1443, reflete o tipo de santidade que era necessária aos propósitos de Avis. O mártir involuntário contribuiu significativamente para a exaltação da linhagem sagrada, a qual pertencia o santo. “Na verdade, a santidade de D. Fernando destaca-se pela uniformidade das suas características: quase tudo nela aponta para a exaltação do martírio a serviço da fé”.²⁶

Bibliografia

in Mensagem - Fernando Pessoa

Fontes:

CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica- Os primeiros séculos da Igreja Cristã*. Rio de Janeiro: Casa publicadora das Ass. De Deus, 1999.

MARQUES, João da Silva (org) *Descobrimento Portugueses*, Lisboa: INIC (Vol I e Suplemento), 1988.

REBELO. António Manuel Ribeiro. *Martyrium et gesta infantis domini Fernandi: a biografia latina de D. Fernando, o infante Santo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2007.

VARAZZE, J de *Legenda Áurea- Vidas de Santos*. SP: Companhia das Letras, 2003.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Néri de Barros (org). *A Idade Média entre os Séculos XIX e XX Estudos de Historiografia*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

AMARAL. Clinio de Oliveira. *O culto ao Infante Santo e o projeto político de Avis (1438-1481)*. Niterói: Tese de doutorado (UFF). 2008.

_____. “As discussões historiográficas em torno do Infante Santo”. In *Revista Medievalista*. Ano 5. nº7, 2009. Disponível em <http://www2.fcsb.unl.pt/iem/medievalista>.

COELHO. Maria Helena da Cruz. “Morrer pela fé e pela Pátria”- um modelo hagiográfico. In *Revista Portuguesa de História*. Lisboa. T. XL (2008/2009) pp 213-226

²⁶ ROSA, op. cit. p. 97;.

COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média- Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. RJ: Edições para todos, 1998.

FERNANDES, Fátima Regina. “Discursos e estratégias de poder na Idade Média peninsular” in Anais VII EIAM – Encontro Internacional de Estudos Medievais: Idade Média: permanência, atualização, residuidade. Fortaleza: Rio de Janeiro: UFC/ ABREM, 2009.

_____. *Identidades e fronteiras no medievo ibérico*. Curitiba: Juruá, 2013.

_____. “O Poder do Relato na Idade Média Portuguesa: a Batalha do Salado de 1340”. In *Revista Mosaico*. Vol nº 4. Goiânia.: PUC-Go, 2011 p 75- 91

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia. *História, Santidade e Identidade. O Agiologio Lusitano de Jorge Cardoso e o seu Contexto*. In *Vita Spiritus*, 3. Lisboa: 1996. p 25- 68. In WWW. ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3504.pdf

FONTES, João Luís Inglês. *Percursos e Memória: Do Infante D. Fernando ao Infante Santo*. Cascais: Patrimonia, 2000.

FRANCO, Hilário JR. Introdução. In VARAZZE, J de *Legenda Áurea- Vidas de Santos*. SP: Companhia das Letras, 2003.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. *O Discurso Cronístico e a Narratividade Histórica*. In *A Idade Média- Entre a História e a Historiografia*. (Org) Nascimento. Renata Cristina de S. & MARCHINI. Dirceu N. Goiânia: Ed. Puc -Go.

MIATELO, André Luís Pereira. *A Historiografia Franciscana na Frente aos Desafios da “Medievalística” e da Interpretação Hagiográfica: Novas Possibilidades de Trabalho?* In ALMEIDA, Néri de Barros (org). *A Idade Média entre os Séculos XIX e XX Estudos de Historiografia*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

NASCIMENTO. Renata Cristina de. *O Martírio do Infante Santo e a Expansão Portuguesa (Século XV)*. In Anais do XXVI Simpósio Nacional de História, SP: ANPUH, 2011. p.106-116

_____. *A expansão das fronteiras da Cristandade no século XV: sacralidade e legitimidade do projeto político da casa de Avis* . In Fernandes, Fátima Regina. *Identidades e fronteiras no medievo ibérico*. Curitiba: Juruá Editora, 2013.

_____. *Narrativas sobre o Martírio e Culto ao Infante Santo (século XV)*. In NASCIMENTO. Renata C.& MARCHINI. Dirceu. (Org) *A Idade Média: Entre a História e a Historiografia*. Goiânia: PUC, 2012.

RAMOS, Rui R; Monteiro, Nuno G; Sousa. Bernardo Vasconcelos. *História de Portugal*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2009.

REBELO. António Manuel Ribeiro. *A estratégia política através da hagiografia*. In JIMENEZ et FIALHO,

Maria do Céu. O Retrato e a Biografia como Estratégia de Teorização Política. Coimbra/Málaga, Uc: 2004. p 131-158

ROSA, Maria de Lourdes. *Do santo conde ao mourisco mártir: usos da santidade no contexto da guerra norte- africana (1415-1521)*. In Deutsches Historisches Museum, Novos Mundos- Portugal à época dos descobrimentos. Ciclo de conferências- Berlim: 2006. Disponível em <<http://www.dhm.de/ausstellungen/neuwelten/pt/essays.html>> _____ *Longas guerras, longos sonhos africanos. Da tomada de Ceuta ao fim do Império*, Porto, Fio da Palavra, 2010.

SILVA, Andréia Cristina L. Frazão (org). *Hagiografia e História: reflexões sobre a Igreja e o fenómeno da santidade na Idade Média Central*. RJ: Comunicação Editora, 2008.

ANEXOS



Tríptico do Infante Santo D. Fernando - Infante de Portugal in Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa). Este foi encomendado provavelmente por D. Henrique ao pintor João Afonso.

D. Fernando Infante de Portugal

Deu-me Deus o seu gládio, porque eu faça

A sua santa guerra.

Sagrou-me seu em honra e em desgraça,

Às horas em que um frio vento passa

Por sobre a fria terra.

Pôs-me as mãos sobre os ombros e doirou-me
A fronte com o olhar;
E esta febre de Além, que me consome,
E este querer-grandeza são Seu nome
Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, e a luz do gládio erguido dá
Em minha face calma.
Cheio de Deus, não temo o que virá,
Pois venha o que vier, nunca será
Maior do que a minha alma.